

## **A GUERRA ENTRE OS CELTAS: DA ARROGÂNCIA AO ESTUPOR**

Filippo L. Olivieri – Doutorando/História/UFF-Maio/2005.

Orientador: Prof. Dr. Ciro Flamarion Cardoso

(O presente trabalho foi realizado com o apoio do conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil)

### **Introdução**

A visão que as culturas clássicas grega e romana tinham dos povos celtas foi marcada, principalmente, pela importância que estes davam à guerra e a tudo o mais que dizia respeito a essa atividade. Para os romanos, os gauleses seriam o protótipo do bárbaro por excelência. A irrupção das tribos celtas no norte da Itália, no começo do século IV a.C., a derrota do exército etrusco e o saque de Roma, em 389 a.C., marcaram profundamente a impressão dos romanos em relação ao modo de ser dos celtas. Essas incursões pela Itália e a insegurança que tais razzias provocaram em Roma, foram determinantes para a concepção do chamado *tumultus gallicus*, ou seja, o terror causado pelas invasões celtas e um estado de alerta em relação ao perigo gaulês<sup>1</sup>. Para os gregos, o ataque gaulês ao santuário pan-helênico de Delfos cunhou fortemente a idéia do bárbaro celta.

### **O “caráter” dos celtas através da pena de César**

A grande maioria dos autores clássicos, que abordam os celtas, fazem considerações acerca do caráter do guerreiro. Temos no *De Bello Gallico* várias impressões de César sobre o caráter dos gauleses, em particular, em situações de guerra ou a ela relacionadas. Esses relatos acerca do caráter dos celtas são importantes pois o general foi o mais importante relator sobre a Gália, além de ter sido testemunha dos eventos. Assim temos as seguintes referências:

Quando os venetos prendem os embaixadores romanos: “os gauleses são precipitados e levianos em suas resoluções”.<sup>2</sup> Quando a rebelião dos venetos poderia levar outros povos à rebelião: “serem (os gauleses) inconstantes e prontos em recorrer às armas e amando naturalmente a liberdade (...)”.<sup>3</sup> Por ocasião da submissão dos armoricanos,

liderados pelos venetos: “porque, assim como são por índole alvoroçados e belicosos, assim são os gauleses pusilânimes para resistir às calamidades.”<sup>4</sup> Quando do ataque dos germanos contra os menápios, e da possibilidade de nova rebelião: “Informado disto e temendo a inconstância dos gauleses, que são prontos a mudar de resolução e inclinados à novidades, julga César não dever confiar neles. Tal é a curiosidade destes povos, que não só obrigam os viajantes a parar, ainda contra a vontade, para inquirir deles o que ouviram dizer ou sabem, mas o mesmo vulgo cerca nos mercados nas cidades, para dizerem de que terra vêm e o que aí se passa.”<sup>5</sup> Quando os germanos não cumpriam com os acordos, e os gauleses podiam segui-los: “(...) e conhecedor (César) da inconstância dos gauleses.”<sup>6</sup> Após César vencer os germanos, estes pedem proteção contra a vingança dos gauleses: “Receando porém os suplícios e crueldades dos gauleses (contra os germanos).”<sup>7</sup> Sobre o massacre de mercadores romanos em Genabum: “a morte dos cidadãos romanos trucidados em Genabum pela perfídia dos gauleses”<sup>8</sup>. Sobre a engenhosidade dos gauleses no sítio de Avaricum: “Ao singular valor de nossos soldados punham os gauleses toda espécie de traças, como gente muito engenhosa que é, e habilíssima em imitar.”<sup>9</sup> Durante o cerco de Gergóvia, os éduos massacraram os mercadores romanos: “(...) nenhum espaço se deixam à reflexão. A uns impele a avareza, a outros a iracúndia, e a temeridade, natural àquele gênero de homens, de terem uma leve audição por coisa averiguada.”<sup>10</sup>

As impressões que o general nos legou através dos seus relatos de campanha, remetem a determinados aspectos que são enfatizados durante toda a narrativa. A questão da impulsividade para o ataque, o fato de tomarem boatos como fatos consumados, a tendência dos celtas mudarem de lado numa guerra com frequência são colocados como fatores que desqualificam o guerreiro. Contudo, o general soube se aproveitar disso em seu favor, através da exploração das animosidades entre as tribos.

### **Através de outros autores clássicos**

O caráter dos celtas que os autores clássicos apreenderam são concernentes ao comportamento dos celtas enquanto guerreiros. Em Estrabão, encontramos comentários

bastante explícitos: “a raça gaulesa é apaixonada pela guerra, afeita à cólera e pronta ao combate (...)”<sup>11</sup> Mais adiante, na mesma obra, ele diz: “Por causa da volatibilidade de caráter, a vitória os torna insuportáveis, mas a derrota os mergulha no estupor. Sua irreflexão é acompanhada de barbárie e selvageria (...)”<sup>12</sup> Cícero em sua defesa do governador da Província Narbonensis, Marco Fonteius, evoca o episódio em que os gauleses atacaram o Fórum romano em 390 a.C. “Vejam eles comparecendo alegres e arrogantes diante do Fórum, a ameaça na boca, procurando nos amedrontar com a horrível sonoridade de sua língua bárbara.”<sup>13</sup> Em Diodorus, encontramos uma citação bastante viva desse elemento: “(...) quando estão bêbados eles (os gauleses) caem em um estado de estupor ou um estado de loucura.”<sup>14</sup> Já Apiano<sup>15</sup>, em seus comentários sobre a conquista da Gália Narbonensis, endossa o descontrole dos gauleses “Os celtas se enchiam de vinho e outros alimentos até a saciedade, eram incontinentes por natureza (...)” Mais adiante, ele destaca a falta de temeridade dos celtas nas batalhas<sup>16</sup>. Amiano Marcelino<sup>17</sup> destaca o gosto dos gauleses por querelas e de serem presunçosos ao excesso.

### **A imagem do guerreiro celta**

Através desses relatos, é possível perceber que certos temas são recorrentes. A arrogância na vitória em contraste com a apatia na derrota, levando mesmo o chefe derrotado, não raro, a se suicidar.<sup>18</sup> À imagem do guerreiro “apaixonado pela guerra” como queria Estrabão, junta-se outra que coloca o guerreiro celta com gosto imoderado pela bebida.<sup>19</sup> César acentua a irracionalidade dos gauleses, sempre tendentes a mudar de opinião ou de lado, fato que acontece freqüentemente durante as suas campanhas. O gosto desmedido pela bebida é outro tema que colabora para uma idéia de irracionalidade e impulsividade. César<sup>20</sup> chega a declarar em relação aos nêrvios que estes se sentiam mais aguerridos que os outros celtas da Gália por não permitir que os comerciantes de vinho entrassem em seu território.

As experiências negativas que os romanos tiveram com os celtas, são, não raro, evocadas como uma forma de enfatizar o quanto perigosos esses homens poderiam ser. O

sítio e saque de Roma pelos senones, comandados por Brennus, sem dúvida, foi o episódio mais marcante. Cícero, como vimos, evoca esse momento como uma forma de dar ênfase ao seu ataque contra os gauleses.

Os sacrifícios humanos também serviram para realçar essa imagem de barbarismo. Tal fato foi diretamente associado aos druidas como os legítimos ministros dos sacrifícios.<sup>21</sup> Vários autores enfatizam essa atividade como um aspecto bárbaro dos celtas, em particular dos gauleses.

### **O combate**

A forma de combate a qual o guerreiro celta estava afeito diferia muito daquela das legiões romanas. As armas celtas, aparentemente, não estavam adaptadas para um combate ao estilo do legionário romano. O estilo de combate baseado no desafio não era a regra, mas é possível que o combate entre os guerreiros celtas fosse próximo desse tipo. As espadas tornam-se mais longas a partir do final do século III a.C., chegando às vezes a um comprimento de lâmina de 90 cm.<sup>22</sup> O guerreiro, um nobre, descia do carro de combate e desafiava o oponente, tratava-se do combate singular, como descrito por Diodorus.<sup>23</sup> Contudo, essa forma não deve ser vista como generalizada. Com o abandono do carro, pelo menos no mundo céltico continental, a cavalaria tornou-se mais valorizada. Todavia, o aumento do tamanho das espadas que coincidiu com o abandono progressivo dos carros pode ter uma explicação. O cavaleiro necessitava de uma espada mais longa. Contudo, Allen, citando Pausânias, aponta para o fato de que na Itália os cavaleiros costumavam descer dos cavalos para combater a pé.<sup>24</sup>

De qualquer forma, as espadas tornam-se mais longas a partir de La Tène Média e as pontas das lâminas assumem uma forma arredondada. Tal fato, caracterizaria um estilo de luta que precisaria de uma certa distância entre os contendores. Esse fenômeno pode ter sido fundamental na derrota dos celtas frente às legiões romanas, como pretende Rankin: “A perda da manobrabilidade dessas armas em corpo-a-corpo muito próximo geralmente foi uma importante causa da derrota dos celtas.”<sup>25</sup> Políbius<sup>26</sup> já ressaltava, acerca dos celtas do

norte da Itália, no século III a.C., o grande comprimento da lâmina e o formato arredondado da ponta indicam uma espada apropriada para o corte e não para a estocada. Dionísius de Helicarnasso<sup>27</sup>, na mesma linha, coloca que o guerreiro celta tenta colocar todo o peso do corpo no golpe com a espada, como se quisessem cortar o corpo do oponente em pedaços. O costume disseminado do corte das cabeças do inimigo atesta bem o uso de uma arma própria ao corte e de uso pela cavalaria dos séculos II e I a.C.<sup>28</sup>

O combate singular aparece nos textos mitológicos da Irlanda. Em relatos como *A Razzia das vacas de Cooley (Táin Bó Cúalngé)*<sup>29</sup> pode-se perceber toda a importância que os celtas davam a esse tipo de combate. Numa cena, Cuchulainn<sup>30</sup> enfrenta vários oponentes em combate singular e depois de os matar, expõem suas cabeças:

(...) A razão pela qual eles vieram a esse encontro com Cuchulainn era por causa de seus feitos do dia precedente, ou seja, que ele havia matado os dois filhos de Nera (...) e matou também Orlan, filho de Ailill e de Medb, e mostrou suas cabeças aos homens.<sup>31</sup>

O furor do guerreiro também é relatado de forma bastante emblemática. No momento da morte de Cuchulainn, os guerreiros temem chegar perto do seu corpo:

(...) A neve fundiu a trinta pés de cada lado dele, por causa da elevação do calor do guerreiro e por causa do calor do corpo de Cuchulainn. O rapaz (opponente de Cuchulainn) não pôde ficar próximo dele por causa da grandeza de sua cólera e do ardor do guerreiro e por causa do calor do seu corpo.<sup>32</sup>

Outros aspectos contribuíram para caracterizar a idéia do guerreiro celta como o protótipo do combatente impulsivo e bárbaro. O costume de cortar e expor as cabeças dos inimigos foi um tema recorrente entre os autores clássicos<sup>33</sup>. O aspecto religioso de tal prática, contudo, nunca chega ser explorado por esses autores<sup>34</sup>. O furor guerreiro, como citado em relação a Cuchulainn, é realçado em alguns relatos, como Estrabão acerca do gosto dos celtas pela guerra, pode ser, por outro lado, elogiada, como o faz César a respeito de dois chefes alóbroges que serviram com ele durante suas companhias na Gália e o seguiram em suas companhias contra Pompeu:

“Entre os efetivos de sua cavalaria, contava César com dois irmãos alóbroges, Roucilo e Eco, filhos de Adbucilo, que por muitos anos esteve à testa da sua nação; eram homens de coragem excepcional, de cujos préstimos valiosíssimos e de grande bravura, César se servira em todas as companhias da Gália.”<sup>35</sup>

Os druidas, muito possivelmente, estariam diretamente envolvidos na exaltação da coragem do guerreiro e de incutir-lhe o desprezo pela morte. César relata: “Fazem (os druidas) sobretudo acreditar que as almas não perecem, mas passam, depois da morte, de uns para outros corpos, e com isso julgam incitar-se principalmente ao valor, desprezando o medo da morte”<sup>36</sup>. Sobre esse ponto, temos o relato de Tácito<sup>37</sup>, acerca da confronto entre as legiões de Suetônio Paulinus e um exército bretão, por ocasião da revolta de Boudica, em 61 d. C. A cena relatada pelo escritor romano, afirma que os druidas e um grupo de mulheres (druidessas?) estariam excitando os guerreiros para que enfrentassem os legionários.

A coragem do guerreiro celta quando em combate, entretanto, não foi suficiente para o sucesso dos celtas frente ao avanço inexorável das legiões de Roma. A impressão causada em muitos autores antigos pode ser qualificada nas palavras de Rankin<sup>38</sup> de uma “inocente e arcaica coragem.” A dependência do primeiro impacto sobre exército inimigo poderia ser um fator que faria os autores clássicos desqualificar os celtas como estrategistas. Para Políbio<sup>39</sup>, os celtas, com seu temperamento impulsivo e não dado à reflexão, qualificava-os como irracionais, em contraste com o pragmatismo romano em combate. Os celtas teriam pouco senso de realidade e instabilidade (*athesia*). Em sua descrição da batalha de Telamon, que opôs Roma contra os gauleses cisalpinos, Políbio coloca que os romanos puderam utilizar os cenômanos como aliados contra os insubres. Essa volatilidade de comportamento era um fator que tornava os celtas mais vulneráveis às derrotas. Tal tendência, em mudar de lado com facilidade, é realçada, como vimos, diversas vezes por César, que apesar de se queixar desse aspecto, em muito se beneficiou disso colocando vários povos da Gália a seu favor na luta contra os povos revoltosos.

Entretanto, nos momentos de derrota, alguns relatos traçam um quadro do guerreiro desistindo de sua causa. A morte, fuga ou captura do chefe podia abalar a moral dos guerreiros e fazê-los se entregar ao vencedor. Dio Cássius<sup>40</sup> narra alguns exemplos acerca das rebeliões dos alóbroges, em 62-61 a.C., que após ser morto o seu chefe, Catagnatos, os alóbroges se rendem. Após a derrota e morte de Boudica frente aos romanos, em 61 a.C, ele diz: “quanto a eles (os icenos), como haviam sido na realidade vencidos, eles se dispersam.”<sup>41</sup>

### **O confronto entre celtas e romanos**

Para Alain Deyber<sup>42</sup>, a sociedade céltica era organizada militarmente com sua hierarquia e códigos próprios. Jean-Louis Brunaux<sup>43</sup> coloca que as preliminares da guerra seriam extremamente ritualizadas. Obviamente, que os exércitos celtas não se precipitavam sobre os romanos porque eram simplesmente desorganizados. Havia todo um sistema de códigos visando a guerra. Esses códigos eram compreendidos entre dois exércitos celtas. Se tomarmos os relatos de Diodorus<sup>44</sup> e de Estrabão<sup>45</sup>, acerca dos bardos ou dos druidas detendo dois exércitos prestes a se enfrentar, vemos que dois exércitos celtas alinhados frente-a-frente deveriam respeitar as prerrogativas dos druidas. Diodorus inclusive afirma que o exército inimigo também devia respeitar a autoridade dos mediadores. Contudo, os romanos deviam ter um olhar desdenhoso em relação a tais práticas.

Os celtas não lograram adotar novas táticas para aumentar sua eficiência contra as legiões. Na guerra das Gálias<sup>46</sup>, Vercingetorix tentou controlar a impulsividade do seu exército, ao tentar fazer com que se acostumassem a ver o exército romano, mas esperar o momento oportuno ao invés de atacar de forma apressada. Mas, tal tentativa não surtiu maiores efeitos.

### **Conclusão**

A imagem que os autores gregos e romanos tinham dos celtas era derivada principalmente de aspectos considerados selvagens ou bárbaros. Os sacrifícios humanos

também foram, com certeza, um dos elementos que mais contribuíram para essa imagem. Mas, é através da conduta do guerreiro celta na guerra que se cristalizou uma representação caricatural emblemática do guerreiro impulsivo, presunçoso, mas que as dificuldades e reveses da guerra, podem levar ao desânimo e mesmo a uma paralisia. O estereótipo do guerreiro querelante e com um descabido gosto pela bebida completavam um quadro de selvageria.

Através dos relatos dos autores clássicos, percebemos que os celtas são retratados muitas vezes em termos desses paradoxos, quer dizer, aguerridos e paralisados. Os autores romanos e gregos, que escreviam para um público romano, podem ter realçado essas características como uma forma de justificar a romanização dos povos celtas.

---

<sup>1</sup> BRUNAUX, Jean-Louis. *Les Gaulois*. Paris: Les Belles Lettres, 2005, p. 27.

<sup>2</sup> CÉSAR. *A guerra das Gálias*. III, 8.

<sup>3</sup> Ibidem. III, 10.

<sup>4</sup> Ibidem. III, 19.

<sup>5</sup> Ibidem. IV, 5.

<sup>6</sup> Ibidem. IV, 13.

<sup>7</sup> Ibidem. IV, 15.

<sup>8</sup> Ibidem. VII, 17.

<sup>9</sup> Ibidem. VII, 22.

<sup>10</sup> Ibidem. VII, 42.

<sup>11</sup> ESTRABÃO. *Geografia*. IV, 2.

<sup>12</sup> Ibidem. IV, 5.

<sup>13</sup> CÍCERO. *Pro Fonteio Oratio*. XV, 33.

<sup>14</sup> DIODORUS SÍCULUS. *Biblioteca Histórica*. V, 26.

<sup>15</sup> APIANO. *História Romana, (Céltica)*, 7.

<sup>16</sup> Ibidem, 8.

<sup>17</sup> AMIANO MARCELINO. *História*. XV, 12.

<sup>18</sup> RANKIN, David. The Celts Through Classical Eyes. In: GREEN, Miranda. *The Celtic World*. London, 1995, p. 21. Sobre o monumento que o rei helenístico de Pérgamo, Atalo, erigiu para comemorar a vitória sobre os gauleses que haviam invadido a Península Balcânica e tentavam passar à Ásia Menor. O elemento central do monumento, segundo a reconstrução, seria um chefe gaulês que mata sua mulher e depois se suicida.

<sup>19</sup> CUNLIFFE, Barry. *Greeks, Romans & Barbarians: Spheres of Interaction*. Nova York: Ed. Methuen, p. 59-79. GOUDINEAU, Christian. *César et la Gaule*. Paris: Errance, p. 74-75. Comentam as evidências arqueológicas sobre a grande quantidade de ânforas encontradas na Gália.

<sup>20</sup> CÉSAR. Op. cit. II, 15.

<sup>21</sup> Idem. VI, 16; DIODORUS SÍCULUS. Op. cit. V, 31; ESTRABÃO. Op. cit. IV, 5; LUCANO. *Pharsalia*. I, 444-462;

<sup>22</sup> ALLEN, Stephen. *Celtic Warrior. 300 BC. – AD 100*. London: Osprey, 2004, p. 46. Os achados arqueológicos demonstram a veracidade das fontes. No século I a.C., as lâminas das espadas dos celtas na Gália haviam atingido, não raro, um comprimento de 90 cm, com a ponta arredondada.

<sup>23</sup> DIODORUS SÍCULUS. Op. cit. V, 29.

<sup>24</sup> Ibidem. p. 46.

<sup>25</sup> RANKIN, David. Op. cit. p. 69.

<sup>26</sup> POLÍBIUS. *Histórias*. II, 33.

<sup>27</sup> DENIS DE HELICARNASSO. *História de Roma*. XIV, 10.

<sup>28</sup> WILCOX, Peter. *Rome's enemies 2: Gallic and British Celts*. London: Osprey, 1996, p. 46-47.



---

<sup>29</sup> Mais importante relato mitológico da antiga Irlanda. Representa o combate entre a província de Connaugh, liderado pela rainha Medb e o rei Ailill, contra o reino de Ulater, liderado pelo rei Conchobar. O motivo da guerra é a posse de um touro divino, o touro de Cúalngé.

<sup>30</sup> O mais importante herói dos mitos irlandeses. Protótipo do guerreiro destemido e invencível.

<sup>31</sup> *La Razzia des Vaches de Cooley*. Trad. Christian Guyonvarc’h. Paris: Gallimard, L’aube des peuples, p. 104.

<sup>32</sup> *La Razzia des Vaches de Cooley*. Op. cit. p. 116.

<sup>33</sup> POLÍBIUS. Op. cit. II, 18; DIODORUS SÍCULUS. Op. cit. V, 29; ESTRABÃO. Op. cit. IV, 5; TITUS LÍVIUS. *História*. X, 26 e XXIII, 24; ATHENEUS. *Deipnosophystas*. IV, 154.

<sup>34</sup> RITCHIE, W. F. and. G, J. N. The army, weapons and fighting. In: GREEN, Miranda. *The Celtic World*. London: 1995, p. 54.

<sup>35</sup> CÉSAR. *A Guerra Civil*. III, 59.

<sup>36</sup> CÉSAR. Op. cit. VI, 14.

<sup>37</sup> TÁCITUS. *Anais*, 30.

<sup>38</sup> RANKIN, David. Op. cit. p. 77.

<sup>39</sup> POLÍBIUS. Op. cit. II, 35.

<sup>40</sup> DIO CÁSSIUS. *História Romana*. XXXVII, 47-49.

<sup>41</sup> *Ibidem*. LVII, 12, 6.

<sup>42</sup> DEYBER, Alain. Ambiorix e Vercingétorix: Entre guerre traditionnelle et modernité. In: GUINCHARD, Vincent. et PERRIN, Franck. *L’aristocratie celte à la fin de l’age du Fer. (du II siècle avant J.-C. au I siècle après J.-C.)*. Glux-en-Glenne: Collection Bibracte 5, 2002, p. 259-267.

<sup>43</sup> BRUNAU, Jean-Louis. *Guerre et religion en Gaule: Essai d’anthropologie celtique*. Paris: Errance, 2004, p. 68-69.

<sup>44</sup> DIODORUS. Op. cit. V, 31.

<sup>45</sup> ESTRABÃO. Op. cit. IV, 4.

<sup>46</sup> CÉSAR. Op. cit. VII, 20.